

DESAFIOS E CONTROVÉRSIAS DA PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Caroline Mendes de Carvalho¹
Luciana Xavier de Castro²
Rones Aureliano de Sousa³

RESUMO

Esse trabalho possuiu um caráter conceitual e histórico da inclusão da disciplina filosofia na educação básica, em especial no ensino fundamental. No seu âmbito prático, relata as etapas históricas da inclusão da filosofia para/com crianças e adolescentes na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, juntamente com suas dificuldades teóricas e metodológicas.

PALAVRA CHAVE: Filosofia para /com crianças e adolescentes.

ABSTRACT:

It possessed a conceptual and historical character of the discipline philosophy of inclusion in basic education, especially in elementary school. In its practical level, reports the historical stages of the philosophy of inclusion for / with children and adolescents in the School of Basic Education, Federal University of Uberlândia, together with their methodological and theoretical difficulties.

KEYWORDS: Philosophy for / with children and adolescents.

A FILOSOFIA PARA/ COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A disciplina *Filosofia*, implantada no currículo por algumas escolas no Ensino Básico, traz discussões e controvérsias sobre a importância dessa para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Por ser um projeto escolar relativamente recente, existem muitos questionamentos sobre as contribuições que essa disciplina poderá

¹ Docente da Escola de Educação Básica da UFU. Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia e mestrado em Filosofia pela mesma instituição.

² Docente da Escola de Educação Básica da UFU. Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia e mestrado em Filosofia pela mesma instituição.

³ Docente da Escola de Educação Básica da UFU. Graduação em filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia.

trazer para os alunos desse nível de ensino. Para entender melhor essa questão, é importante entender o conceito teórico de filosofia para ou com crianças e como essa disciplina foi desenvolvida até aqui.

Conforme Kohan (2008), a relação da filosofia com a infância acontece desde os primórdios da filosofia, ou seja, na Grécia antiga. Seja numa simples definição do termo *infância*, ou na preocupação com a formação intelectual e moral das crianças e jovens, presentes nas reflexões sobre educação dos filósofos Aristóteles e Platão. Além disso, para ele, há uma tendência na filosofia e na cultura grega em considerar a infância como uma fase privilegiada da vida humana. Todavia, numa outra perspectiva, há pesquisadores que apontam que na filosofia grega, principalmente na antropologia platônico-aristotélica, a criança é o que o ser humano tem de pior, na medida em que nela predomina aquilo que a alma humana tem de mais desprezível, como, a emoção, os desejos, as sensações, que são predominantes nas crianças, que privilegiam esses sentimentos em detrimento da razão. Por isso, Platão coloca as crianças junto às mulheres, aos escravos, e aos animais. Já Aristóteles as compara aos bêbados, doentes e fracos, com pouco nível de inteligência.

Kohan (2008), mostra que existem outras posições acerca da infância; como aquela em que a criança é vista como aquilo que não é, mas que ainda será, como um ser inacabado, incompleto. Essa perspectiva, explica o pesquisador, está com conformidade com o ideal de uma educação formadora, que consiste em formar o indivíduo de acordo com as concepções dos adultos. Daí se conclui que, a criança é importante pelo o que ela será um dia e não pelo que ela é hoje. Logo, a função da educação na sociedade é a de garantir que a criança seja aquilo que o adulto deseja que ela seja.

Muitos filósofos a partir do século XVI também dedicaram algumas páginas de suas obras para refletirem sobre a infância, e a educação na infância. Montaigne, por exemplo, reforça a importância de uma educação lúdica, aberta, que conduza as crianças a pensarem de maneira autônoma. Nessas reflexões, nota-se elementos de uma crítica a educação autoritária, memorística e punitiva, muito comum nesse período da história. No século XVIII, Rousseau publica o *Emílio ou da educação*, que, por mais que os rousseauístas, em geral, não entendem essa obra como um tratado sobre educação; há na obra uma evidente preocupação com a educação do *Emílio*, o aluno fictício da obra. Nela também encontramos críticas a educação tradicional, ou *intelectualista*; Rousseau apresenta como alternativa a essa a *educação natural*, baseada na liberdade do aluno, e ainda da necessidade de o mesmo obedecer os caminhos apontados pela natureza e por suas experiências.

Das reflexões sobre algumas concepções filosóficas na infância, nasce a possibilidade de se pensar a prática da filosofia com crianças; que não consiste mais numa reflexão filosófica sobre a criança, como feito até então, mas em uma filosofia feita pela e para a criança, ou seja, *filosofia para/com crianças*. Mas o que o exercício da filosofia na infância pode significar para esse indivíduo?

Para tentar responder a essa pergunta é preciso primeiro compreender a prática da filosofia na educação básica desenvolvida até então. Segundo Kohan, o ensino de filosofia na educação básica iniciou-se nos Estados Unidos com o filósofo Mathew Lipman na década de 60 do século XX, e é conhecida como *filosofia para crianças*, o que evidencia a descoberta da possibilidade de se ensinar filosofia para crianças e adolescentes.

Um dos principais objetivos de Mathew Lipman ao desenvolver a *filosofia para crianças* era o de promover uma reforma na educação, proporcionado ao aluno a

capacidade de raciocinar adequadamente e de fazer julgamentos por meio de uma diálogo coordenado aos moldes socráticos. Kohan explica que Lipmam, enquanto pioneiro da prática da filosofia na educação básica, se destaca por vários motivos, pois ele fundamentou a prática de filosofia com crianças, desenvolveu um método para aplicá-la e ainda elaborou um conteúdo curricular filosófico próprio para as crianças.

O método de Lipmam é caracterizado por possuir um caráter normativo, ou seja, pretende dizer as regras de como se fazer *filosofia para crianças*. O método desenvolvido por Lipmam é o da *comunidade de investigação*, que consiste em um conjunto de novelas filosóficas com temas da história da filosofia, mas adaptável à faixa etária dos alunos do ensino fundamental. Em geral os alunos sentam em círculos, é feita a leitura oral das novelas, em seguida, os alunos elaboram perguntas sobre a leitura feita, ou seja, a problematização, que conduz a um diálogo coordenado pelo educador; essa prática consiste na investigação filosófica. Os diálogos são democráticos, e o professor é apenas um facilitador do processo. Para Lipmam, esse método, além de conduzir o aluno a um melhor desenvolvimento cognitivo, contribui para o desenvolvimento de hábitos democráticos em que se privilegia o respeito mútuo.

Esse método possuiu regras de aplicação, e o professor que desejar trabalhar *filosofia para crianças* não necessita ser licenciado em filosofia, uma vez que, o programa, além desenvolver o material didático para o aluno, também elaborou o manual do professor que possui todas as orientações para o mesmo aplicar a *filosofia para crianças*. Caso seja necessário, são realizados cursos em que o educador terá lições básicas da história da filosofia, e da metodologia de aplicação do método proposto. É importante ressaltar que o aluno da *comunidade* não terá contato direto com a tradição filosófica, mas trabalhará de forma indireta questões da história da filosofia.

Por mais que Kohan reconheça a importância da *comunidade de investigação* desenvolvida por Lipman, ele também possuiu reservas quanto a esse método. Nesse sentido, o mesmo questiona em que medida a aplicação de um programa fechado, elaborado por um filósofo, e não por um educador, pode trazer prejuízos para a autonomia do professor; uma vez que há risco de condicionar, limitar e desvirtuar o trabalho do educador. A questão é que Lipman propõe a comunidade de investigação como um novo modelo de educação. As aulas devem deixar de serem como são para se estabelecerem no modelo criado por ele.

A *comunidade* é o ponto de chegada e o ponto de partida do diálogo filosófico. Aqueles que fazem parte da *comunidade* são chamados de co-investigadores. Segundo Lipman uma pessoa é um diálogo entre as normas, os valores e suas crenças sociais, que ela internaliza. Assim, fora do contexto social não há indivíduo. Por esse motivo, a comunidade de investigação constitui-se num ideal cognitivo, social e político. O ideal cognitivo se encontra na lógica, e o ideal social, na democracia; dessa forma o intuito da comunidade de investigação consiste em aproximar esse ideal ao real.

Nesse contexto, a comunidade de investigação busca da maneira mais democrática possível formar, ao final do processo, um juízo, que passa por três momentos: o raciocínio, a deliberação razoável e por fim o juízo. Kohan explica que Lipman atribui à lógica, ou analítica do raciocínio, como fundamental para o processo de investigação; pois quando a lógica administra o diálogo, cada movimento clarifica e fortalece a investigação. Assim se conclui que a aprendizagem do instrumento da lógica é uma condição necessária à prática da filosofia.

A filosofia para Matus Lipman é a base de uma educação para o pensar, pois somente ela pode fazer de cada estudante um investigador de espírito crítico e razoável. Ela irá desenvolver o que Lipman classifica como *pensar de ordem superior*, que é

diferente do pensar cotidiano. O primeiro compreende três aspectos, a criticidade, a criatividade e o cuidado. Kohan explica que a criticidade se refere a capacidade de problematizar; já a criatividade consiste na inovação e o cuidado é propriamente aplicar valores ao próprio pensar. As crianças que desenvolvem o pensamento de ordem superior serão razoáveis, tolerantes, respeitosas, em suma, democráticas. O que revela uma normatividade sociopolítica que significa educar para pensar de maneira complexa, ou seja, um pensamento de *ordem superior*; sendo possível assim, promover uma cidadania democrática. A filosofia, na comunidade de investigação, é então a esperança para a construção de uma sociedade democrática. Daí se conclui que se uma sociedade almeja um ideal democrático, ela necessariamente deseja o ensino de filosofia desde a educação básica, pois ela é a condição de possibilidade para a verdadeira democracia.

Por isso, a única esperança certa, segundo Lipman, está nas crianças. Porque se conseguirmos que elas pratiquem a filosofia em comunidades de investigação deliberativas, então haverá muito mais chances de que elas sejam pessoas razoáveis e democráticas e que, a partir dessa prática filosófica e democrática, elas lutem para que as instituições e práticas sociais sejam mais igualitárias e menos autoritárias. (KOHAN, 2008, p. 47)

Todavia, por mais que existam pontos positivos no método desenvolvido por Mathew Lipman, Kohan identifica nesse uma série de limitações que se abrem para questionamentos. Não há nos manuais uma apresentação clara da história da filosofia e de conceitos filosóficos, por mais que a investigação proposta seja de cunho filosófico. Os conceitos são trabalhos de forma indireta, mesmo que haja em alguns momentos das *novelas filosóficas* fragmentos de textos escritos por filósofos da tradição, eles não estão explícitos no texto, ou os conceitos filosóficos aparecem mediados pela leitura de historiadores da filosofia. Em geral, esses conceitos aparecem numa ótica pragmática.

“É possível afirmar que, mesmo estando presentes fragmentos de obras de alguns autores em novelas e manuais, há pouco do espírito deles.” (KOHAN, 2008, p. 72).

Uma outra questão levantada por Kohan, consiste no fato de haver no texto uma pretensão de universalidade, no sentido de não observar o contexto cultural do aluno. Isso porque, normalmente, as novelas são apresentadas e escritas dentro de uma realidade típica da classe média norte-americana, algo problemático numa proposta educacional. Pois implica numa dificuldade em traduzir o programa para outros contextos culturais. Por isso, como universalizar um programa com características tão particulares como esse?

Na comunidade de investigação, os professores são excluídos do processo de filosofar, pois o educador, dentro do programa, ocupa uma posição de apenas mediador do diálogo filosófico. Lipman diz o “como fazer”, o que retira do professor algo que lhe é natural, que consiste na capacidade que o mesmo possui em elaborar suas aulas. Além disso, todo professor possui um conhecimento prévio que pode e deve ser compartilhado com seu aluno, algo que não ocorre na *comunidade de investigação*. Para Lipman, só é possível filosofar com crianças mediante a aplicação a rigor do seu método; sendo assim, a função do professor perde muitas de suas principais características.

A *filosofia para crianças* desenvolvida por Mathew Lipman foi difundida e aplicada com sucesso em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Todavia, as várias críticas que se desdobraram do programa, levaram os estudiosos e professores da área a pensarem em novas práticas para aplicação da filosofia na educação básica. Algo que enfrenta muitos desafios, tanto no que tange a fundamentação teórica, quanto a criação de metodologias.

Quanto aos desafios teóricos, Kohan mostra que é preciso mostrar a importância da filosofia para a educação, e da educação para a filosofia. Além disso, é necessário também resgatar o caráter prático da filosofia, algo tão pouco enfatizado pela história da filosofia, conforme Lipman tem mostrado. Porém, explica Kohan, por mais que Lipman apresente uma tentativa de evidenciar o caráter prático da filosofia, ele também entende que a tradição filosófica restringe e limita o caráter prático da mesma. Daí se conclui que é preciso pensar num filosofar a partir de bases teóricas que sejam propícias a projeção prática.

Nesse contexto, é necessário compreender também que as crianças são seres racionais, autônomos e hábeis para se envolverem em diálogo filosófico. O professor de filosofia dessas crianças não deve concebê-las como adultos em miniaturas. É preciso conhecê-las a partir daquilo que elas dizem que são, aquilo que elas sabem sobre si mesmas.

Já os desafios metodológicos são muitos, mas antes de se criar uma metodologia, é importante pensar no processo de como ensinar a filosofar, como aprender a filosofar, e o que significa propriamente ensinar filosofia. Assim, a princípio, entende-se que esse filosofar consiste no desenvolvimento do pensamento filosófico, na problematização. O ensinar filosofia, além de englobar a problematização, também significa ensinar a história e os temas da filosofia; que podem, ou não, serem aplicados por métodos previamente determinados.

No Brasil, no que se refere a questão do método de se ensinar filosofia ou a filosofar, alguns adotam métodos, que normalmente é a *comunidade de investigação*, com o apoio de instituições, como o CBFC (*Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças*). Mas, em muitas escolas que já adotam a prática de filosofia com crianças, há aqueles que preferem não utilizar métodos, e sim, procurar no dia a dia a melhor forma

de filosofar com as crianças. Assim, temos duas vertentes, a *filosofia para crianças*, que consiste em métodos fechados, e a *filosofia com crianças*, que opta por desenvolver juntamente com o aluno a melhor forma de fazer filosofia.

Kohan é um dos partidários da filosofia com crianças, pois ele acredita que a aplicação de métodos não é algo adequado a educação e também ao ensino de filosofia. Porque para ele, todos são sujeitos legítimos do filosofar, tanto os professores quanto os alunos; dessa maneira, ambos devem participar da criação ou eleição do seu material didático. Kohan propõe também, que o professor, diferentemente da proposta de Lipman, deve estabelecer uma interlocução com a história da filosofia em suas aulas. Além disso, ele sugere a prática da interdisciplinaridade, e que a mesma deve ser encarada não como um simples instrumento, mas como um diálogo com as demais disciplinas. E por fim, essa prática deve ser sensível ao contexto cultural e histórico da comunidade escolar.

Sérgio Sard ressalta que o professor precisa desenvolver seu trabalho a partir da vivência do aluno, que são pontos de partidas para elaboração dos diálogos filosóficos, dentro do processo de problematização. Assim, da vivência, nasce a problematização, que pode conduzir ao final do diálogo a elaboração de conceitos. Essa forma de se fazer filosofia com crianças promove num processo cognitivo a desconstrução de preconceitos e a formulação de novas idéias, de maneira autônoma e por meio do próprio desenvolvimento do pensamento. Sendo possível a partir de então, também promover o diálogo com a história da filosofia.

Uma vez compreendido o conceito teórico da filosofia para/com crianças, e a sua aplicação, resta entender a importância do ensino de filosofia para os alunos da educação básica e qual o sentido de ensinar filosofia nessa fase da vida? Em geral são apontados três sentidos diferentes para o ensino de filosofia, o epistemológico, aquele

em que por meio da aprendizagem da filosofia o aluno recebe instrumentos para aprender a pensar, estudar e escrever de forma lógica, produzindo argumentos coerentes. Há também o sentido político, que consiste em desenvolver o pensamento crítico frente às questões políticas e sociais, em que o aluno seria conduzido à libertação e a desalienação da ideologia dominante. E, por fim, há o sentido moral, em que o aluno encontra caminhos de como se portar moralmente, de avaliar de forma autônoma e crítica os valores estabelecidos pela sociedade. Em suma, possibilita a formação do cidadão social e consciente dos seus direitos e deveres éticos.

A FILOSOFIA PARA/COM CRIANÇAS APLICADA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

A ESEBA é uma das instituições brasileiras de ensino fundamental que implantou em seu currículo a disciplina de Filosofia. Esse projeto iniciou-se na gestão administrativa da professora Ana Maria Ferolla da Silva Nunes. Existia na escola um setor chamado Setor de Apoio ao Processo Educacional (SEAPE) que começou a elaborar o projeto de implantação da Filosofia. Esse setor era composto pelas professoras Lúcia Helena de Paula Menezes, Marta Regina Alves Pereira, Gláucia Costa Abdala Diniz, Fátima Rezende Naves Dias, Dulce Miriam Maciel Gontijo, Sônia Silva Gonçalves, Ana Carolina Scalia Rodrigues, Elisabeth de Souza Figueiredo Cunha e Marilza Helena Betanho.

A professora Marta Regina, no ano de 1997, fez um curso de Filosofia para Crianças na Universidade de Brasília (UnB). Mesmo antes da conclusão do mesmo, ela propôs a criação de um grupo de estudos, o qual foi denominado “Ensaio Filosófico”. Fazia parte de grupo de estudos, as professoras do SEAPE, professores de outras áreas

da escola, professores da rede municipal de ensino e alunos de Filosofia da UFU e da Faculdade Católica.

Durante quatro dias do mês de Julho de 1999, alguns membros do SEAPE com alguns alunos da ESEBA, participaram do Congresso Internacional de Filosofia com Crianças e Jovens - IX Encontro de ICPIC - ocorrido no Centro de Convenções “Ulysses Guimarães” em Brasília no DF⁴. Os presentes no congresso relataram que foi uma experiência importante para o desenvolvimento dos trabalhos, pois, tiveram contatos com professores de Filosofia do Brasil inteiro e acesso a muita literatura da área para subsidiar seus estudos e pesquisas. Esse congresso foi coordenado por Walter Omar Kohan, autor de inúmeras e importantes obras relacionadas a Filosofia.

Concomitante ao grupo de estudos iniciou-se um “projeto piloto de reflexões filosóficas em sala de aula” com a turma do 3º período (atualmente 1º ano do Ensino Fundamental). Essa sala era regida pela professora Lucimar Divina Alvarenga Prata - atualmente da área de História - que ocorreu de 1998 até 2001, inclusive com horário estipulado em grade e aprovado pelo Conselho Pedagógico Administrativo (C. P. A.). O grupo do SEAPE colaborava com as discussões e no planejamento das aulas, mas a aplicação das reflexões ficava a cargo das professoras Marta Regina e Lucimar.

Este projeto não teve continuidade, pois, em 2002 as professoras Lúcia Helena, Marta Regina e Gláucia foram liberadas para a qualificação. No retorno em 2004, o grupo de SEAPE se desfez. As professoras Ana Carolina e Sônia se aposentaram; Marilza foi transferida para a DIASE; Elisabeth foi para a área de Língua Portuguesa; Dulce Mirian Gontijo e Fátima Naves foram para a Educação Infantil; A professora Marta Regina, motivada pelo curso na UnB, juntamente com a professora Lúcia Helena, que havia feito um curso livre de especialização em Filosofia no Instituto Pós-Saber em

⁴ Ver fotos em anexo.

Excelência Humana, tiveram a companhia da professora Gláucia, que não fez curso de Filosofia e nem especialização na mesma área, fundaram, na gestão administrativa do professor Hudson Rodrigues Lima da área de Geografia, a área de “Iniciação Filosófica”. Teve esse nome e não propriamente Área de Filosofia, pois, não tinham a pretensão de ensinar conteúdos filosóficos, mas apenas introduzir as crianças e adolescentes no universo da reflexão filosófica. Além de não terem essa pretensão, também não poderiam denominá-la Filosofia, pois, não possuíam formação inicial em Filosofia.

Trabalhavam em ciclos, onde no 1º ciclo elas trabalhavam as reflexões através do lúdico; no 2º ciclo, foram inserindo pequenos textos filosóficos, mas sem citar nomes de filósofos e no 3º ciclo, textos mais filosóficos, tendo inclusive, solicitação por parte dos alunos para que trabalhassem a Filosofia propriamente dita, mas não foram atendidos pelos motivos anteriormente citados. Enquanto que o 1º e 2º ciclos (professoras Marta e Gláucia) iniciaram suas atividades em Fevereiro de 2004, o 3º ciclo (professora Lúcia Helena) iniciou suas atividades em Junho de 2004, pois, a professora Lúcia estava de afastamento médico.

Nos anos de 2004 e 2005, as turmas eram divididas com a área de Artes. A metade dos alunos da sala tinha Filosofia no 1º semestre e Artes no 2º semestre a ordem era invertida. No ano de 2006, a área de Artes solicitou as aulas em período integral, pois, acharam pertinente dividir as turmas dentro da área. A área buscou então parceria com a área de Língua Portuguesa que dividia com a Iniciação Filosófica a cada quinze dias, sua aula semanal de biblioteca. Somente no 2º ciclo a Iniciação Filosófica tinha horário garantido na grade horária, pois, se utilizava de um espaço deixado por uma intervenção semanal do já extinto SEAPE. Até então, o 1º e 3º ciclos, entravam apenas como enriquecimento pessoal para os alunos.

Na grade horária do 3º ciclo existia o horário de Ensino Religioso, que era, por questões pedagógicas, ocupada pela área de Ciências que além de suas três aulas semanais, ainda tinha mais uma. Esse horário de Ensino Religioso poderia ser ocupado também por áreas afins como Filosofia ou Sociologia, contudo, foi solicitado pela área de Iniciação Filosófica que essa aula ficasse para ela. A solicitação foi aceita e regulamentada em C. P. A. pela escola.

No ano de 2006, já na gestão administrativa da professora Elizabet Resende de Faria, a professora Gláucia se aposentou e houve a necessidade de se contratar professor para substituí-la. Foi feito um processo seletivo para contratação de professores com graduação em Filosofia pelo período máximo de dois anos. Nesse processo foram classificados os seguintes professores: Sandra Olades Martins em primeiro lugar; Rones Aureliano de Sousa em segundo lugar; João Carlos Oliveira Cavalcanti em terceiro lugar e Serginei Vasconcelos Jerônimo em quarto lugar. Como havia somente uma vaga, a professora Sandra foi chamada para ocupar a vaga deixada pela professora Gláucia. No ano seguinte, a professora Marta Regina também se aposentou e para seu lugar foi chamado o professor Rones Aureliano de Sousa.

A professora Sandra Olades, que iniciara em fevereiro de 2007 na ESEBA, rescindiu o contrato em Outubro deste mesmo ano, pois. Para ocupar seu lugar, foi chamado o terceiro classificado da lista que não teve interesse na vaga, assim, foi contratado o professor Serginei Vasconcelos Jerônimo que juntamente com Rones e Lúcia Helena, deram continuidade na então área de Iniciação Filosófica.

Em suas reuniões, decidiram mudar o caráter da área, uma vez que agora existia dois professores com formação inicial em Filosofia e uma professora com especialização em Filosofia. A primeira mudança foi alterar o nome de “Iniciação Filosófica” para “Área de Filosofia”. Gradativamente foi inserindo algumas ações para

o amadurecimento e crescimento da área. Uma delas foi a contribuição dada pelo professor Serginei que propôs a adoção de um livro didático que serviria como apoio pedagógico para as aulas e uma ferramenta concreta para os alunos, dentro e fora da sala de aula. A coleção de livros⁵ - um livro para cada série do 1º ao 9º ano - foi aprovada pela direção da escola e implantada no ano de 2008, perdurando por apenas mais um ano, pois, os pais consideraram o valor muito alto para uma disciplina que não atribuía notas e não era capaz de reprovar o aluno. Assim, a escola aceitou a justificativa e para o ano de 2010 já não mais adotaram o livro didático. No ano de 2008 a área de Filosofia desenvolveu os projetos de ensino “Teatro” e “Ética Ambiental” que a área contou com a parceria de uma arte-educadora que na ocasião trabalhava no Horto Municipal.

Em 2009 a área sofreu outra modificação, a professora Lúcia Helena pleiteou e conseguiu a vaga do setor CARO-Aluno e Professor⁶, deixada pela professora Maria Aparecida Otoni. Novamente houve a necessidade de se contratar professor substituto e no novo processo seletivo, foram classificados: Amélia Cristina Silva Machado Pietro em primeiro lugar; Caroline Mendes de Carvalho em segundo lugar; Fabrício Gomes Peixoto, Luis Gustavo Guadalupe Silveira e posteriormente Weiny César Freitas Pinto. A professora Amélia permaneceu na área por apenas quatro meses e após seu pedido de rescisão, foi contratada a professora Caroline. Juntos, Rones, Serginei e Caroline desenvolveram o projeto “A Filosofia vai ao cinema”. Em Outubro de 2009 encerrou-se o contrato de Rones e Serginei. Logo, surgiu a necessidade da contratação de mais dois professores. Dos classificados no último processo seletivo, apenas o professor Weiny César teve interesse pela vaga. Como ainda restava uma vaga, o professor Rones foi contratado pela Fundação de Apoio Universitário (F.A.U.) até o término das aulas em dezembro.

⁵ Coleção Pensar e Agir. Autor Herman Régis. Editora Edjovem.

⁶ Setor responsável pelas questões disciplinares dos alunos.

Para ocupar a vaga deixada pelo professor Rones, fez-se necessário um novo processo seletivo para o ano letivo de 2010 onde foram classificados os professores/as Luciana Xavier de Castro, Rafael Pombo Reis, Guacira Quirino Miranda, João Paulo Henrique, Angélica Silva Costa, Janína Balbino Lizardo. A professora Luciana, primeiro lugar na classificação, assumiu no início do ano e juntamente com Caroline e Weiny, desenvolveram os projetos de pesquisa: “Desafios e controvérsias da Prática da Filosofia na Educação Básica” e o projeto de ensino: “Viagem ao Grande Sertão Veredas”, onde o público alvo é a Educação de Jovens e Adultos (E.J.A.). Também assumiram, a pedido da direção da escola, a coordenação geral da Rádio ESEBA Ativa⁷ com programa semanal.

Nesse relato histórico, é importante ressaltar que desde sua criação, a área de Filosofia sempre participou de todos os eventos da escola, comissões, frentes de trabalho, representatividades etc. Contudo, enfrentou muitas dificuldades. Inicialmente houve certo desconforto com a área de Ciências que perdera uma de suas aulas. Em relação aos alunos, a mudança de “Iniciação Filosófica” para “Filosofia” exigiu deles uma mudança de postura, pois, estavam acostumados com o lúdico e a livre reflexão. Após a mudança, além da livre e descomprometida reflexão, era necessária uma superficial preocupação com a História da Filosofia e uma intensa preocupação com a ética. Isso acarretaria a obrigatoriedade da existência de um caderno e a necessidade de levá-lo em todas as aulas e anotar aquilo que o professor solicitasse - o que foi um incômodo a uma parte dos alunos. O fato de a disciplina não atribuir notas ou ter a possibilidade de reprovar os alunos não faz diferença para os alunos do 1º ciclo e nem para parte do 2º, mas ao chegar ao 3º ciclo e tomar consciência desse fato, faz com que alguns alunos menosprezem a disciplina, por vezes desrespeitando-a. No entanto,

⁷ Projeto institucional da escola que os alunos participam.

existem muitos alunos que apreciam a Filosofia e sempre se envolvem nos projetos desenvolvidos pela área.

Desde 2008, a escola sentiu a necessidade de rever seus princípios, pois, contava com o mesmo regimento interno desde sua criação. Iniciou-se na escola a discussão e a construção de sua “Carta de Princípios” que contou com a participação de toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários e pais). Essa construção foi proposta em discussões em eixos, onde em um deles - currículo - falou-se até na retirada da disciplina de Filosofia do currículo da ESEBA. Apesar da aprovação de alguns alunos, pais e até mesmo de alguns professores em relação à retirada da disciplina, a grande maioria da comunidade escolar e também contando com o apoio da direção, a disciplina foi mantida. E em meio à discussão e construção da Carta de Princípios, a escola consegue do governo federal trinta e seis vagas para completar o quadro de professores efetivos da escola que se aposentaram. Na discussão de para onde iriam as vagas, a Filosofia consegue duas delas, eliminando de vez a possibilidade de ser retirada do currículo.

Após a realização do referido concurso público, que participaram 43 candidatos, os cinco professores melhores classificados foram Luciana Xavier de Castro em primeiro lugar; Rones Aureliano de Sousa em segundo; Mauro Sérgio Santos da Silva em terceiro; Caroline Mendes de Carvalho em quarto e Carlos Roberto Vieira em quinto lugar. Nesse período o professor Weiny César rescindiu seu contrato. Os novos professores efetivos da área, Luciana e Rones, juntamente a professora Caroline Mendes, assumiram os projetos propostos para o ano de 2010 e planejaram para o ano de 2011, a criação de um inédito currículo para a disciplina de Filosofia do ensino fundamental da ESEBA.

Atualmente, a prática da Filosofia na ESEBA foca a problematização e ainda trabalha com os grandes temas da Filosofia, propiciando aos alunos o contato com a tradição filosófica, sem adotar um método pré-determinado. Em suas reuniões semanais, os docentes se reúnem para elaborarem, de maneira contínua, sua metodologia de trabalho, que está sempre aberta a pensar em novas e melhores formas de se fazer filosofia para/com crianças e adolescentes do 1º, 2º e 3º ciclo do ensino fundamental. Para compreender melhor a prática dessa disciplina da ESEBA, no contexto atual, consta em anexo um relato de experiência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sou docente da Escola de Educação Básica, da Universidade Federal de Uberlândia, desde Maio de 2009 e atuo na área de Filosofia. Para essa área, sempre foi um grande desafio metodológico aplicar, com sucesso, aulas de filosofia para/com crianças e adolescentes de forma interessante e, ao mesmo tempo, em que os alunos conseguissem compreender criticamente o conteúdo.

Há um obstáculo que dificulta a participação geral das turmas: a disciplina de filosofia não é avaliativa. De certa forma, isso faz com que alguns alunos não se envolvam tanto com a filosofia. No entanto, apesar dessa dificuldade, os professores da área nunca desanimaram e sempre planejaram aulas que pudessem despertar cada vez mais o interesse dos discentes.

As turmas das quais fui responsável são do primeiro ciclo, ou seja, primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental. Era um desafio levar um conteúdo filosófico para crianças que ainda não estavam completamente alfabetizadas. O primeiro passo foi trazer a filosofia para o cotidiano deles, para que pudessem ter uma

compreensão acerca do que se trata essa disciplina. Além disso, foi preciso respeitar a faixa etária e as suas limitações.

No primeiro trimestre de 2010, trabalhei com os primeiros anos uma breve explanação da mitologia grega. Através de uma história, que eu mesma redigi, explicava sobre os deuses gregos. A cada aula contava um trecho da história e apresentava um deus grego para os alunos colorirem. A história despertava curiosidade e interesse dos alunos. Todos prestavam muita atenção. Ao final de um capítulo, trabalhava além dos exercícios de reflexão, exercícios de escrita e criatividade. No primeiro ano ainda não é possível que os próprios alunos façam a leitura do texto, por isso, a necessidade de tornar algumas aulas de filosofia em “contação de histórias”. Foi uma experiência incrível e bastante positiva.

Nos segundos anos, apesar da turma ainda não ser completamente alfabetizada, é possível trabalhar com a leitura de alguns trechos de textos. Isso permite abranger o conteúdo. Com essas turmas iniciei, no primeiro trimestre, um conteúdo metafísico: a busca do quem sou eu. Fazíamos bastantes exercícios de reflexão, diálogos e consegui apresentar um filósofo, Jean-Paul Sartre. Trabalhamos com uma frase de Sartre em torno de duas aulas. Os alunos expunham suas compreensões sobre a frase, redigiram breves textos sobre ela e conseguimos chegar a uma conclusão que os deixou muito inquietos: “eu não sei, filosoficamente, dizer quem eu sou”. Isso foi bastante positivo, pois os levei a ter uma experiência propriamente filosófica.

Com os terceiros anos iniciei a pesquisa sobre o que é metafísica. A partir disso, propus diversas reflexões, tais como: o que são as coisas metafísicas? O que é uma pergunta metafísica? Quando comecei a fazê-los refletir profundamente, boa parte dos alunos encontrou dificuldades. Mas, pouco a pouco, eles foram percebendo como a metafísica poderia fazer parte do nosso cotidiano e até mesmo de nós. Elaborei

exercícios que eles pudessem simbolizar a metafísica através de desenhos. Nessa aula, muitos alunos entenderam, de fato, do que se tratava a metafísica. A partir daí pudemos aprofundar nossos diálogos filosóficos sobre a metafísica. Os resultados foram satisfatórios e pude constatar a importância de se iniciar a reflexão com crianças. Elas conseguem elaborar melhor suas opiniões, de forma crítica.

REFERÊNCIAS

- KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para crianças*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- KOHAN, Walter Omar (org.). *Políticas do ensino de filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- _____. *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- _____. *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana Míriam (orgs.). *Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman*. Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera (orgs.). *Filosofia para crianças na prática escolar*. 2. ed. Vol. II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David. *Filosofia e infância: possibilidades de um encontro*. Vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro (orgs.). *Filosofia na escola pública*. Vol. V. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- WONSOVICZ, Sílvio. *Espaço filosófico criativo*. Vol. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8. Florianópolis, SC: Sophos, 1999.